



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



SÃO PAULO, 12 DE NOVEMBRO DE 1959

NA CÂMARA DE COMÉRCIO AMERICANA DA CAPITAL PAULISTA, SOBRE NOSSO COMÉRCIO INTERNACIONAL.

Foi com muita satisfação que aceitei o convite para o encontro de hoje, nesta Câmara de Comércio Americana para o Brasil, sociedade que se vem dedicando, há longos anos, ao incremento do intercâmbio entre o nosso país e os Estados Unidos. Não ignoro a profícua atividade dêste organismo em tão importante setor do nosso comércio externo, nem os constantes esforços que tem feito para tornar mais dinâmicas as nossas transações com a grande Nação tradicionalmente aliada do Brasil, em tantos momentos decisivos.

783

Creio que na simples menção dos objetivos dêste organismo se contém a atualidade de sua ação e, ao mesmo tempo, as responsabilidades da comunidade americana de negócios na obra de fortalecimento de nossas relações, neste ensejo único que lhe é dado de se exercer construtivamente. É dever de todos, brasileiros e norte-americanos, trabalharmos para que se intensifiquem os contatos de tôda ordem entre os dois países para que logrem esclarecimento muitos equívocos, para que se retome o caminho de uma cooperação sem dúvida sumamente importante a ambos, mas cuja significação se estende à própria causa da democracia, que, ao lado de outras nações, Brasil e Estados Unidos sempre defenderam sem desfaléamentos. Na presente conjuntura mundial, a melhor maneira de defender essa causa

784

consiste na união de esforços para a elevação do nível de vida das populações do mundo livre. O grande desafio de nossa época está na valorização material e espiritual dos nossos povos, a fim de que não venham a ser um dia esmagados pela superioridade numérica de massas submetidas a regimes coletivistas. Trata-se de missão que transcende o campo da economia, para assumir evidente conteúdo ético.

785 Por mais realistas que sejamos; por mais que prestemos atenção ao fato concreto e nos preocupemos com os problemas de interesse imediato, fôrça é convir que as grandes lutas da História sempre foram ganhas em virtude de razões de ordem moral. Os triunfos da violência têm sido aleatórios e efêmeros. Nem mesmo o emprêgo sistemático dos processos de opressão mais cruéis é bastante forte para destruir uma causa, quando essa causa encontra na justiça o seu fundamento e razão de ser.

786 Precisamos uns dos outros, e a contribuição que o Brasil poderá prestar aos Estados Unidos no campo econômico será tão importante quanto a colaboração dos Estados Unidos para o desenvolvimento do nosso país. Além de reconhecerem e apreciarem o valor do apoio econômico direto que temos recebido dos Estados Unidos em numerosas ocasiões, o governo e o povo do Brasil não ignoram que nossas economias são interdependentes e que encontramos na grande república do norte o nosso maior fornecedor de bens de capital, equipamentos e assistência técnica, bem como o mais importante mercado para nossos produtos de exportação. É imperativo do desenvolvimento brasileiro manter relações comerciais com tôdas as áreas capazes de nos proporcionar intercâmbio comercial proveitoso, sem prejuízo do nosso comércio com os clientes tradicionais. A expansão e a diversificação do nosso comércio exterior só podem contribuir para fortalecer o

crescimento do Brasil, o que significa naturalmente fortalecer a causa da Democracia que integramos.

Só temos que lucrar com um entendimento amplo, justo, honesto e principalmente compreensivo de ambas as partes; e muito a perder se consentirmos na germinação de confusões, de ressentimentos e de queixas. Não permitamos continue a estender-se a zona de indiferença e frieza, às vezes mesmo de antagonismo aberto, que já se insinua neste continente, entre povos que sempre estiveram juntos, que sempre se estenderam as mãos nas horas mais decisivas para o futuro da humanidade e, principalmente, nestas tempestades e marcada por uma aceleração nunca vista dos acontecimentos históricos.

Para que renovemos as nossas relações, reencontramos a efusão antiga e a façamos ainda mais profunda e substancial como é necessário, temos o dever de colocar-nos de maneira objetiva e serena ante o problema da hora presente, examinando-o com o espírito liberto de prevenções e com o ânimo resolutamente construtivo. Em primeiro lugar, cumpre admitir corajosamente, em benefício da causa comum e dos permanentes interesses recíprocos, a existência de alguns pontos insatisfatórios em nossas relações com os velhos amigos de sempre, os Estados Unidos da América.

Quando desejamos esclarecer alguma coisa, ou sentimos que não funciona com a perfeição desejada a linguagem habitual com que compreendemos um amigo ou por él nos fazemos compreendidos, há que examinar se as palavras conservam o mesmo sentido que lhes atribuímos, ou se foi alterado o seu valor. É indispensável examinarmos o que em nós se modificou, que alterações sofreram os nossos sentimentos e pontos de vista e qual a evolução de nossas idéias. Mais do que tudo isso, porém, importa honestamente verificarmos não só a posição exata em que nós próprios nos encontrávamos ao

787

788

789

surgirem as primeiras dificuldades, mas, principalmente, a do interlocutor.

790 Quero dizer claramente que a política exterior dos Estados Unidos, talvez em virtude de suas responsabilidades globais, dá a impressão de um menor interesse pelos problemas brasileiros e pelos do Continente em geral. Não afirmo que, de fato, haja diminuído esse interesse; limito-me a mencionar a persistência de tal impressão. Sentimo-nos na necessidade de chamar a atenção para certas tendências que se podem notar nos Estados Unidos e que procuram reduzir a importância dos anseios de grande número de nações deste continente. Por outro lado, é confortador para nós constatar que personalidades das duas correntes partidárias, que aspiram à liderança política dos Estados Unidos, se têm pronunciado recentemente em favor de uma nova política daquele país em relação à América Latina, uma política que leve na devida conta a evolução dos acontecimentos mundiais e a crescente importância desta parte do mundo novo para a causa dos povos que desejam permanecer livres.

791 Também no Brasil, entraremos agora em fase de campanha eleitoral, e podeis estar certos de que assunto de tamanha relevância não deixará de merecer atenção redobrada por parte dos que disputarão a preferência popular nos comícios e nas urnas. Não podemos aceitar passivamente a existência de correntes que negam as razões de solidariedade e os deveres do pan-americanismo, sem nos colocarmos na mesma zona de frio e indiferença, que reputamos indesejável e prejudicial, mormente quando estamos vivendo um momento culminante dos nossos destinos. Dar como não suscetível de melhoramento, porque perfeita, a colaboração entre os nossos países, dizer, enfim, que nada há que fazer para renovar e, mesmo, para reformular a política continental, seria manifestação de ceticismo, de como-

dismo, de renúncia a toda ambição de melhoria. Não ocultamos que, muitas vezes, nos assaltam preocupações, quando observamos que não somos compreendidos pelos Estados Unidos na justa ambição de nossos povos de acelerar o ritmo do desenvolvimento para recuperar as grandes distâncias perdidas; verificamos que não ecoa, como deveria ecoar, nos nossos aliados tradicionais, o nosso propósito de sair desta fase extremamente perigosa, que é a condição de simples exportadores de produtos primários; o que significa, também, a permanente instabilidade, a incerteza de todo dia, a triste contingência de viver não sómente à mercê dos caprichos dos mercados importadores, como também em eterna e angustiosa expectativa ante os milagres da tecnologia, capaz, de uma hora para outra, de encontrar sucessórios para o que constitui a base de existência dos países não desenvolvidos, ou dos que começam a desenvolver-se em condições extremamente difíceis.

Não perderei a ocasião que me oferece este encontro com pessoas devotadas, em nosso país, à causa do bom entendimento entre o Brasil e os Estados Unidos, para, mais uma vez, referir-me a um movimento que — queiram, ou não — não nasceu para dissipar-se ou perder-se, sem consequências importantes para o nosso futuro. Refiro-me à Operação Pan-Americana. Tornase agora oportuno, colocando-se o problema em seus termos originais, recordar ter nascido o movimento, que veio a ser conhecido como Operação Pan-Americana, de um impulso de congraçamento continental, de uma idéia política tendente a corrigir os efeitos penosos de manifestações de discordias ocorridas há cerca de dois anos em alguns países da América Latina. Tais manifestações foram exploradas no plano universal e, aos olhos do mundo, nos apresentaram como um continente dividido por ódios e ressentimentos. Assim, a verdade é que a Operação Pan-Americana visou, ao mesmo tempo, a refazer a fisionomia pacífica e harmoniosa do continente, e a estudar as causas de um

792

mal-estar de existência incontestável. Passados dois anos, o mal-estar infelizmente perdura. As ocorrências a que me refiro e cuja importância, como sintoma, era muito maior que sua gravidade intrínseca, parecem esquecidas. A sucessão de acontecimentos políticos mundiais foi de tal monta, que o episódio desagradável deixou de atuar como advertência, embora se tenha verificado, na realidade, um agravamento das tensões latentes no hemisfério. Assim, a idéia da Operação Pan-Americanica continua válida e firme. Não exagero dizendo-vos que a sinto agora ainda mais oportuna do que nos dias em que foi lançada, em forma de exame de consciência coletivo sobre o pan-americanismo. A dificuldade em que se encontram os Estados Unidos para atender a todos os problemas do mundo, nós a reconhecemos e compreendemos. Mas tal circunstância não diminui a urgência de proceder-se a um levantamento dos recursos e das necessidades de toda a América Latina, a um inventário, tão completo quanto possível, do subdesenvolvimento na parte habitada por gente de origem ibérica do nosso Hemisfério, a fim de que procuremos, todos juntos, uma solução para os problemas de conjuntura de numerosos países. Reputo fundamental que se estudem planos, que se trace um caminho para a solução harmoniosa e conjunta dos mais prementes problemas econômicos da América Latina, pois nada mais do que isso deseja e apóia a Operação Pan-Americanica em sua primeira fase. Muito esperamos, nesta direção, da próxima Conferência Interamericana, que se realizará em Quito em princípios de 1960. Trata-se de achar, antes de mais nada, uma forma de ajuda mútua; de obter uma maneira de raciocinar visando a conseguir que numerosas nações deste hemisfério, assinaladas muitas delas por conquistas e esforços notáveis no plano da vida democrática e cultural, encontrem meios de enfrentar este momento mundial extremamente difícil, cada vez mais

difícil para os povos não desenvolvidos ou que estão iniciando a luta pelo desenvolvimento. Sabemos que não se tornou fácil progredir nesta hora — mas também sabemos como se transformou o progresso, sob as espécies do avanço técnico e da industrialização, num imperativo de sobrevivência. O destino material das nações está indissoluvelmente ligado ao da preservação da liberdade. Os povos se politizam de maneira crescente; as massas humanas reclamam dia a dia uma vida melhor, um tratamento mais justo, não bastando acenar-lhes com receitas de ortodoxia econômica nem sempre compatíveis com a realidade viva de cada país. Cada vez mais insuficientes se mostram as palavras para contentar os que necessitam de ver atendidas certas exigências ligadas à própria condição de dignidade que o homem mais embrutecido pelas privações começa a sentir-se no direito de usufruir. Pelos modos mais inesperados, chega a regiões inóspitas a revelação da vida moderna, revelação em que o impacto do chamado estilo de vida norte-americano tem sentido revolucionário. Núcleos perdidos, carecedores dos mais elementares recursos de infra-estrutura, vêm passar nos ares máquinas rapidíssimas, que lhes vão dar a visão de uma forma de existência que eles começam a compreender pelas imagens e evidências mais surpreendentes.

Que apoio, que compreensão para a causa ocidental pode provir dos que tão pouco esperam para si mesmos e para seus descendentes? Que essa condição de penúria e de miséria imponha o seu domínio em muitas partes do nosso hemisfério, que o Novo Mundo não se consiga livrar de tantas chagas, que não haja uma tentativa séria de planejamento para arrancarmos a tão amarga sujeição muitos milhões de americanos — eis o que jamais nos resignaremos a aceitar.

Há que encarar, também, o problema do aproveitamento de nossas riquezas em termos de rentabilidade

793

794

econômica. Vivem muitos países — e só falamos dos que nos tocam de perto, pelos efeitos da fraternidade continental — em situação precária, em meio a copiosa riqueza de matéria-prima. Seria negar a realidade deixar de ligar a tal inquietação, cuja origem econômica é evidente, as crises sucessivas de natureza política que sacodem as Américas.

795 Na competição econômica que prossegue no mundo — e que tende a intensificar-se à proporção que parecem afastar-se os perigos de aniquilamento pela loucura da guerra atômica — êsses elementos de perturbação, gerados pelo desnívelamento econômico em nosso hemisfério, representarão um papel de grande preponderância. Estamos prevendo e advertindo. Retomo aqui a afirmação de que a Operação Pan-Americana não é um apêlo à generosidade, mas à razão. Quero repetir, também, que é uma obra de paciência. Estamos de tal modo convencidos de que trilhamos o caminho certo, que não nos resta outro recurso senão perseverar e insistir. Devemos alcançar a compreensão dos que nos podem ajudar a criar riqueza, vale dizer, a criar resistências em favor da democracia e da liberdade.

796 Sabemos o que desejamos e, por isso, atingiremos os nossos objetivos. A Operação Pan-Americana não é uma outorga, isto é, nada receberemos de fora sem que procedamos a um esforço interno vigoroso, a uma disciplina, a uma concentração de todas as nossas energias para o fim que almejamos. Só haverá, porém, disciplina livremente consentida, se tivermos objetivos em escala de grandeza, e não soluções imediatistas e fragmentárias. É preciso ousar e confiar, mas também que nossa ação seja devidamente informada e dirigida pela noção de que desenvolvimento e segurança se ligam indissoluvelmente.

797 Não desejamos da nação norte-americana mais que uma esclarecida compreensão de que temos de acelerar

a nossa marcha, de que não podemos aceitar uma evolução lenta sem incorrermos em sérios perigos. Se há uma política capaz de salvar a causa ocidental, essa política consiste em ajudar a fortalecer as nações nela integradas, em participar dos seus anseios e não em ignorá-los. Povos amigos, mas livres — dispomos do privilégio de nos falarmos franca e sinceramente. Integrados na mesma causa, o ato de advertir torna-se ato de fé e de lealdade, o que nos obriga a receber também as advertências que nos devam ser feitas.

A estima que liga o Brasil e os Estados Unidos tem sido exuberantemente comprovada, e importa defender continuamente nossa amizade. A arma de tal defesa consiste em procurarmos entender-nos sem hesitação, tôdas as vêzes que fôr necessário um entendimento. Creio que êste momento exige, de maneira muito particular, conferirmos certos julgamentos recíprocos e acertarmos nossos pontos de vista.

Ao terminar, meus senhores, quero agradecer a vossa acolhida e aproveitar êste momento para saudar a nação norte-americana, não apenas pelo seu esforço material, mas pelo contingente de idealismo que seus grandes homens de todos os tempos trouxeram às causas que têm elevado e dignificado a nossa espécie.

798

799